



CARTA APOSTÓLICA

DESIDERIO DESIDERAVI
DO SANTO PADRE

FRANCISCO

AOS BISPOS, SACERDOTES E DIÁCONOS,
AOS HOMENS E MULHERES CONSAGRADOS
E AOS LEIGOS FIÉIS

SOBRE A FORMAÇÃO LITÚRGICA
DO POVO DE DEUS

*Eu ansiava pelo desejo
comer esta Páscoa com você
antes que eu sofra (Lc 22:15)*

1. Meus queridos irmãos e irmãs,

Com esta carta desejo chegar a todos vocês – depois de ter escrito já apenas aos bispos após a publicação do *Motu Proprio Traditionis custodes* – e escrevo para compartilhar com vocês algumas reflexões sobre a liturgia, dimensão fundamental para a vida da Igreja. O tema é vasto e merece sempre uma consideração atenta em cada uma das suas vertentes. Ainda assim, com esta carta não pretendo tratar a questão de forma exaustiva. Desejo simplesmente oferecer alguns estímulos ou pistas para reflexões que possam ajudar na contemplação da beleza e da verdade da celebração cristã.

A Liturgia: o “hoje” da história da salvação

2. “Desejei ardentemente comer esta páscoa convosco, antes de sofrer”. (Lc 22,15)
Estas palavras de Jesus, com as quais se abre o relato da Última Ceia, são a fresta pela qual nos é dada a surpreendente possibilidade de intuir a profundidade do amor das pessoas da Santíssima Trindade por nós.

3. Pedro e João foram enviados para fazer os preparativos para comer aquela Páscoa, mas, na verdade, toda a criação, toda a história – que finalmente estava prestes a se revelar como a história da salvação – foi uma enorme preparação para isso. Jantar. Peter e os outros estão presentes naquela mesa, inconscientes e ainda assim necessários. Necessário porque todo dom, para ser dom, deve ter alguém disposto a recebê-lo. Neste caso, a desproporção entre a imensidão do dom e a pequenez de quem o recebe é infinita, e não pode deixar de nos surpreender. No entanto, pela misericórdia do Senhor, o dom é confiado aos Apóstolos para que seja levado a cada homem e mulher.

4. Ninguém ganhou um lugar naquela Ceia. Todos foram convidados. Ou melhor dito: todos foram atraídos para lá pelo desejo ardente que Jesus tinha de comer aquela Páscoa com eles. Ele sabe que é o Cordeiro daquela ceia pascal; ele sabe que ele é a Páscoa. Esta é a novidade absoluta, a originalidade absoluta daquela Ceia, a única coisa verdadeiramente nova na história, que torna aquela Ceia única e por isso “a Última Ceia”, irrepetível. No entanto, seu desejo infinito de restabelecer aquela comunhão conosco que era e continua sendo seu projeto original, não será satisfeito até que todo homem e mulher, de toda tribo, língua, povo e nação (Ap 5:9), tenha comido seu Corpo e bebeu seu Sangue. E por isso essa mesma Ceia se fará presente na celebração da Eucaristia até que ele volte novamente.

5. O mundo ainda não sabe, mas todos estão convidados para a ceia das bodas do Cordeiro (Ap 19:9). Para ser admitido na festa, basta o vestido nupcial da fé, que vem da escuta da sua Palavra (cf. Rm 10,17). A Igreja confecciona tal vestimenta para caber em cada um com a brancura de uma vestimenta banhada no sangue do Cordeiro. (Re 7:14). Não devemos nos permitir um momento de descanso, sabendo que ainda nem todos receberam convite para esta Ceia ou sabendo que outros a esqueceram ou se perderam pelo caminho nas reviravoltas da vida humana. Foi disso que falei quando disse: “Sonho com uma 'opção missionária', ou seja, um impulso missionário capaz de transformar tudo, para que os costumes da Igreja, os modos de fazer as coisas, os tempos e horários, a linguagem e as estruturas possam ser adequadamente canalizada para a evangelização do mundo de hoje, e não para sua autopreservação”. (Evangeli gaudium, n. 27). Eu quero isso para que todos possam estar sentados na Ceia do sacrifício do Cordeiro e viver dEle.

6. Antes de nossa resposta ao seu convite – bem antes! — há o desejo dele por nós. Podemos até não estar cientes disso, mas toda vez que vamos à Missa, a primeira razão é que somos atraídos por seu desejo por nós. De nossa parte, a resposta possível — que é também a ascese mais exigente — é, como sempre, entregar-se a esse amor, deixar-se atrair por ele. De fato, toda recepção da comunhão do Corpo e Sangue de Cristo já era desejada por ele na Última Ceia.

7. O conteúdo do pão partido é a cruz de Jesus, seu sacrifício de obediência por amor ao Pai. Se não tivéssemos a Última Ceia, isto é, se não tivéssemos a antecipação ritual de sua morte, jamais teríamos podido compreender como a realização de sua condenação à morte poderia ter sido de fato a ato de adoração perfeita, agradável ao Pai, o único ato verdadeiro de adoração, a única verdadeira liturgia. Apenas algumas horas depois da Ceia, os apóstolos poderiam ter visto na cruz de Jesus, se pudessem suportar o peso dela, o que significava para Jesus dizer “corpo oferecido”, “sangue derramado”. É disto que fazemos memória em cada Eucaristia. Quando o Ressuscitado volta dos mortos para partir o pão para os discípulos de Emaús e para seus discípulos que voltaram a pescar peixes e não pessoas no mar da Galiléia, aquele gesto de partir o pão abre os olhos. Cura-os da

cegueira infligida pelo horror da cruz e torna-os capazes de “ver” o Ressuscitado, de crer na Ressurreição.

8. Se de alguma forma tivéssemos chegado a Jerusalém depois de Pentecostes e tivéssemos sentido o desejo não apenas de obter informações sobre Jesus de Nazaré, mas o desejo de ainda poder encontrá-lo, não teríamos outra possibilidade senão a de buscar sua discípulos para que pudéssemos ouvir suas palavras e ver seus gestos, mais vivos do que nunca. Não teríamos outra possibilidade de um verdadeiro encontro com ele a não ser a da comunidade que celebra. Por isso a Igreja sempre guardou como seu tesouro mais precioso o mandamento do Senhor: “Fazei isto em memória de mim”.

9. Desde o início a Igreja estava ciente de que não se tratava de uma representação, por mais sagrada que seja, da Ceia do Senhor. Não teria sentido, e ninguém poderia pensar em “encenar” – especialmente diante dos olhos de Maria, a Mãe do Senhor – aquele momento mais alto da vida do Mestre. Desde o início, a Igreja captou, iluminada pelo Espírito Santo, aquilo que era visível em Jesus, aquilo que se via com os olhos e se tocava com as mãos, suas palavras e seus gestos, a concretude do Verbo encarnado — tudo dEle passou para a celebração dos sacramentos. [1]

A Liturgia: lugar de encontro com Cristo

10. Aqui reside toda a poderosa beleza da liturgia. Se a ressurreição fosse para nós um conceito, uma ideia, um pensamento; se o Ressuscitado fosse para nós o recolhimento do recolhimento de outros, ainda que autoritários, como, por exemplo, dos Apóstolos; se não nos fosse dada também a possibilidade de um verdadeiro encontro com Ele, isso seria declarar que a novidade do Verbo feito carne se esgotou. Pelo contrário, a Encarnação, além de ser o único acontecimento sempre novo que a história conhece, é também o próprio método que a Santíssima Trindade escolheu para nos abrir o caminho da comunhão. A fé cristã ou é um encontro com Ele vivo, ou não existe.

11. A Liturgia nos garante a possibilidade de tal encontro. Para nós, uma vaga lembrança da Última Ceia não adiantaria. Precisamos estar presentes nessa Ceia, para poder ouvir a sua voz, comer o seu Corpo e beber o seu Sangue. Nós precisamos Dele. Na Eucaristia e em todos os sacramentos é-nos garantida a possibilidade de encontrar o Senhor Jesus e de fazer chegar até nós a força do seu mistério pascal. O poder salvífico do sacrifício de Jesus, cada palavra sua, cada gesto, olhar e sentimento chega até nós através da celebração dos sacramentos. Eu sou Nicodemos, a mulher samaritana junto ao poço, o endemoninhado em Cafarnaum, o paraplégico na casa de Pedro, a pecadora perdoada, a mulher afligida por hemorragias, a filha de Jairo, o cego de Jericó, Zaqueu, Lázaro, o ladrão e Pedro ambos perdoados. O Senhor Jesus que não morre mais, que vive para sempre com os sinais da sua Paixão [2] continua a perdoar-nos, a curar-nos, a

salvar-nos com o poder dos sacramentos. É a maneira concreta, por meio de sua encarnação, que ele nos ama. É a maneira pela qual ele satisfaz sua própria sede por nós que ele havia declarado da cruz. (Jo 19:28)

12. O nosso primeiro encontro com o seu feito pascal é o acontecimento que marca a vida de todos os crentes: o nosso Batismo. Esta não é uma adesão mental ao seu pensamento ou a concordância com um código de conduta imposto por Ele. Pelo contrário, é um ser mergulhado em sua paixão, morte, ressurreição e ascensão, um ser mergulhado em seu ato pascal. Não é mágica. A magia é o contrário da lógica dos sacramentos, porque a magia pretende ter um poder sobre Deus, e por isso vem do Tentador. Em perfeita continuidade com a Encarnação, nos é dada, em virtude da presença e ação do Espírito, a possibilidade de morrer e ressuscitar em Cristo.

13. Como é emocionante, como isso acontece. A oração pela bênção da água batismal [3] revela-nos que Deus criou a água precisamente com o Batismo em mente. Isso quer dizer que quando Deus criou a água, ele estava pensando no Batismo de cada um de nós, e este mesmo pensamento o acompanhou em toda a sua atuação na história da salvação, todas as vezes que, com intenção precisa, usou a água para sua obra salvífica. . É como se, depois de ter criado a água em primeiro lugar, ele quisesse aperfeiçoá-la, tornando-a eventualmente a água do Batismo. Foi assim que ele quis enchê-lo com o movimento do seu Espírito pairando sobre a face das águas (Gn 1:2) para que pudesse conter oculto dentro do poder de santificar. Ele usou a água para regenerar a humanidade através do dilúvio (Gn 6:1-9,29). Ele a controlou, separando-a para abrir o caminho da liberdade através do Mar Vermelho (cf. Ex 14). Ele o consagrou no Jordão, mergulhando nele a carne da Palavra embebida no Espírito. (cf. Mm 3,13-17; Mc 1,9-11; Lc 3,21-22) No final, misturou-o com o sangue de seu Filho, dom do Espírito inseparavelmente unido ao dom da vida e a morte do Cordeiro imolado por nós, e do seu lado traspassado ele derramou sobre nós. (Jo 19,34) E é nesta água que fomos imersos para que por seu poder possamos ser inseridos no Corpo de Cristo e com ele ressuscitar para a vida imortal. (cf. Ro 6:1-11)

A Igreja: Sacramento do Corpo de Cristo

14. Como nos recordou o Concílio Vaticano II (cf. Sacrosanctum Concilium, n. 5), citando as Escrituras, os Padres e a Liturgia — os pilares da autêntica Tradição — foi do lado de Cristo que dormia o sono da morte sobre a cruz que saiu “o maravilhoso sacramento de toda a Igreja”. [4] O paralelo entre o primeiro Adão e o novo Adão é notável: assim como do lado do primeiro Adão, depois de tê-lo lançado em sono profundo, Deus faz surgir Eva, assim também do lado do novo Adão, adormecido o sono da morte na cruz, nasce a nova Eva, a Igreja. O espanto para nós está nas palavras que podemos imaginar o novo Adão feito seu ao contemplar a Igreja: “Aqui está finalmente osso dos meus ossos e carne da minha carne”. (Gên

2:23) Por termos crido em Sua Palavra e descido às águas do Batismo, nos tornamos osso de seus ossos e carne de sua carne.

15. Sem esta incorporação não há possibilidade de viver a plenitude do culto a Deus. De fato, há apenas um ato de adoração, perfeito e agradável ao Pai; ou seja, a obediência do Filho, cuja medida é sua morte na cruz. A única possibilidade de poder participar de sua oferta é tornar-se “filhos no Filho”. Este é o presente que recebemos. O sujeito que atua na Liturgia é sempre e somente Cristo-Igreja, o Corpo místico de Cristo.

O sentido teológico da liturgia

16. Devemos ao Concílio — e ao movimento litúrgico que o precedeu — a redescoberta de uma compreensão teológica da Liturgia e de sua importância na vida da Igreja. Como os princípios gerais enunciados no Sacrosanctum Concilium foram fundamentais para a reforma da liturgia, continuam a ser fundamentais para a promoção dessa celebração plena, consciente, ativa e fecunda (cf. Sacrosanctum Concilium, n. 11; 14). , na liturgia “a fonte primária e indispensável da qual os fiéis devem derivar o verdadeiro espírito cristão” (Sacrosanctum Concilium, 14). Com esta carta, quero simplesmente convidar toda a Igreja a redescobrir, salvaguardar e viver a verdade e a força da celebração cristã. Quero que a beleza da celebração cristã e suas consequências necessárias para a vida da Igreja não sejam prejudicadas por uma compreensão superficial e escorçada de seu valor ou, pior ainda, por serem exploradas a serviço de alguma visão ideológica, não importa o que a tonalidade. A oração sacerdotal de Jesus na Última Ceia para que todos sejam um (Jo 17,21) julga cada uma de nossas divisões em torno do Pão partido, em torno do sacramento da misericórdia, sinal de unidade, vínculo de caridade. [5]

A Liturgia: antídoto para o veneno do mundanismo espiritual

17. Em diversas ocasiões alertei contra uma perigosa tentação para a vida da Igreja, que chamei de “mundanismo espiritual”. Falei longamente sobre isso na exortação *Evangelii gaudium* (nn. 93-97), apontando o gnosticismo e o neopelagianismo como duas versões conectadas entre si que alimentam essa mundanidade espiritual.

A primeira reduz a fé cristã a um subjetivismo que “em última análise, mantém a pessoa aprisionada em seus próprios pensamentos e sentimentos”. (EG 94) A segunda anula o papel da graça e “conduz a um elitismo narcísico e autoritário, pelo qual, em vez de evangelizar, analisa e classifica os outros, e em vez de abrir a porta à graça, esgota as suas energias em inspecionando e verificando”. (EG 94)

Essas formas distorcidas de cristianismo podem ter consequências desastrosas para a vida da Igreja.

18. Do que recordei acima, é claro que a Liturgia é, por sua própria natureza, o antídoto mais eficaz contra esses venenos. Obviamente, estou falando da Liturgia em seu sentido teológico e certamente não, como Pio XII já afirmou, Liturgia como cerimônias decorativas ou uma mera soma total de leis e preceitos que regem o culto. [6]

19. Se o gnosticismo nos intoxica com o veneno do subjetivismo, a celebração litúrgica nos liberta da prisão de uma autorreferência alimentada pelo próprio raciocínio e pelo próprio sentimento. A ação da celebração não pertence ao indivíduo, mas à Igreja-Cristo, à totalidade dos fiéis unidos em Cristo. A liturgia não diz “eu”, mas “nós”, e qualquer limitação na amplitude desse “nós” é sempre demoníaca. A liturgia não nos deixa sozinhos na busca de um suposto conhecimento individual do mistério de Deus. Pelo contrário, leva-nos pela mão, juntos, como uma assembleia, para nos levar ao fundo do mistério que a Palavra e os sinais sacramentais nos revelam. E faz isso, coerente com toda ação de Deus, seguindo o caminho da Encarnação, ou seja, por meio da linguagem simbólica do corpo, que se estende às coisas no espaço e no tempo.

20. Se o neopelagianismo nos intoxica com a presunção de uma salvação conquistada por nossos próprios esforços, a celebração litúrgica nos purifica, proclamando a gratuidade do dom da salvação recebido na fé. Participar do sacrifício eucarístico não é uma conquista nossa, como se por isso pudéssemos nos gloriar diante de Deus ou diante de nossos irmãos e irmãs. O início de cada celebração me lembra quem eu sou, pedindo-me para confessar meu pecado e convidando-me a implorar a Maria sempre virgem, os anjos e santos e todos os meus irmãos e irmãs que rezem por mim ao Senhor nosso Deus. Certamente, não somos dignos de entrar em sua casa; precisamos de uma palavra dele para sermos salvos. (cf. Mm 8,8) Não temos outra glória senão a cruz de nosso Senhor Jesus Cristo. (cf. Gl 6,14) A liturgia nada tem a ver com um moralismo ascético. É o dom do Mistério Pascal do Senhor que, recebido com docilidade, renova a nossa vida. Não se entra no cenáculo senão pelo poder de atração de seu desejo de comer a Páscoa conosco: *Desiderio desideravi hoc Pascha manducare vobiscum, antequam patiar* (Lc 22,15).

Redescobrimo diariamente a beleza da verdade da celebração cristã

21. Mas devemos estar atentos: para que o antídoto da liturgia seja eficaz, somos obrigados a redescobrir todos os dias a beleza da verdade da celebração cristã. Refiro-me mais uma vez ao sentido teológico, como n. 7 da *Sacrosanctum Concilium* descreve-o tão belamente: a Liturgia é o sacerdócio de Cristo, revelado a nós e dado no seu mistério pascal, tornado presente e ativo por meio de sinais dirigidos aos sentidos (água, óleo, pão, vinho, gestos, palavras), para que o Espírito, mergulhando-nos no mistério pascal, transforme todas as dimensões da nossa vida, conformando-nos cada vez mais a Cristo.

22. A contínua redescoberta da beleza da Liturgia não é a busca de uma estética ritual que se contenta apenas com uma cuidadosa observância exterior de um rito ou se satisfaz com uma escrupulosa observância das rubricas. Obviamente, o que estou dizendo aqui não quer de modo algum aprovar a atitude oposta, que confunde simplicidade com banalidade descuidada, ou o essencial com superficialidade ignorante, ou a concretude da ação ritual com um funcionalismo prático exasperante.

23. Sejam claros aqui: todos os aspectos da celebração devem ser cuidadosamente cuidados (espaço, tempo, gestos, palavras, objetos, vestimentas, canto, música...) e todas as rubricas devem ser observadas. Tal atenção bastaria para evitar que se roube da assembléia o que lhe é devido; ou seja, o mistério pascal celebrado de acordo com o ritual que a Igreja estabelece. Mas mesmo que se garantisse a qualidade e o bom andamento da celebração, isso não seria suficiente para tornar plena nossa participação.

Assombro diante do mistério pascal:
parte essencial do ato litúrgico

24. Se nos faltasse o espanto pelo fato de o mistério pascal se tornar presente na concretude dos sinais sacramentais, arriscaríamos verdadeiramente ser impermeáveis ao oceano de graça que inunda cada celebração. Esforços para favorecer uma maior qualidade à celebração, ainda que louváveis, não são suficientes; nem é o apelo a uma interioridade maior. A interioridade pode correr o risco de se reduzir a uma subjetividade vazia se não tiver levado em conta a revelação do mistério cristão. O encontro com Deus não é fruto de uma busca interior individual por Ele, mas é um acontecimento dado. Podemos encontrar Deus através do fato novo da Encarnação que atinge na Última Ceia o ponto extremo de seu desejo de ser comido por nós. Como pode acontecer-nos a infelicidade de nos distanciarmos do fascínio da beleza deste dom?

25. Quando falo de espanto diante do mistério pascal, não pretendo de modo algum referir-me ao que às vezes me parece significar a vaga expressão “sentido do mistério”. Às vezes, isso está entre as supostas principais acusações contra a reforma litúrgica. Diz-se que o sentido de mistério foi removido da celebração. O espanto ou maravilha de que falo não é uma espécie de superação diante de uma realidade obscura ou de um rito misterioso. É, pelo contrário, maravilhado pelo facto de o desígnio salvífico de Deus se ter revelado no ato pascal de Jesus (cf. Ef 1,3-14), e a força deste ato pascal continua a chegar até nós no celebração dos “mistérios”, dos sacramentos. Ainda é verdade que a plenitude da revelação tem, em relação à nossa finitude humana, uma abundância que nos transcende e encontrará sua plenitude no fim dos tempos, quando o Senhor voltar. Mas se o espanto for do tipo certo, não há risco de que a alteridade da presença de Deus não seja percebida, mesmo dentro da proximidade que a Encarnação pretende. Se a reforma eliminou aquele vago “senso de mistério”, então, mais do que motivo para

acusações, é mérito seu. A beleza, como a verdade, sempre engendra maravilhas, e quando estas se referem ao mistério de Deus, levam à adoração.

26. A maravilha é parte essencial do ato litúrgico porque é a maneira como aqueles que sabem que estão engajados na particularidade dos gestos simbólicos olham as coisas. É a maravilha de quem experimenta o poder do símbolo, que não consiste em referir-se a algum conceito abstrato, mas em conter e expressar em sua própria concretude o que ele significa.

A necessidade de uma formação litúrgica séria e vital

27. Portanto, a questão fundamental é esta: como recuperar a capacidade de viver plenamente a ação litúrgica? Esse foi o objetivo da reforma do Conselho. O desafio é extremamente exigente porque as pessoas modernas – não em todas as culturas no mesmo grau – perderam a capacidade de se envolver com a ação simbólica, que é um traço essencial do ato litúrgico.

28. Com a pós-modernidade as pessoas sentem-se ainda mais perdidas, sem referências de qualquer espécie, carentes de valores porque se tornaram indiferentes, completamente órfãs, vivendo uma fragmentação em que um horizonte de sentido parece impossível. E por isso pesa ainda mais a pesada herança que a época anterior nos deixou, consistindo no individualismo e no subjetivismo (que evoca mais uma vez os problemas pelagianos e gnósticos). Consiste também em um espiritualismo abstrato que contradiz a própria natureza humana, pois a pessoa humana é um espírito encarnado e, portanto, capaz de ação simbólica e de compreensão simbólica.

29. É com esta realidade do mundo moderno que a Igreja, unida em Concílio, quis entrar em contacto, reafirmando a sua consciência de ser o sacramento de Cristo, a Luz das nações (Lumen gentium), colocando-se em escutando a Palavra de Deus (Dei Verbum) e reconhecendo como suas as alegrias e as esperanças (Gaudium et spes) dos homens do nosso tempo. As grandes Constituições do Concílio não podem ser separadas umas das outras, e não é por acaso que este único grande esforço de reflexão do Concílio Ecumênico - que é a expressão máxima da sinodalidade na Igreja e cuja riqueza eu, juntamente com todos os de vós, sou chamado a ser o guardião - começou com a reflexão sobre a Liturgia. (Sacrosanctum Concilium)

30. Encerrando a segunda sessão do Conselho (4 de dezembro de 1963) São Paulo VI assim se expressou:

“Os debates difíceis e complexos tiveram resultados ricos. Eles concluíram um tópico, a sagrada liturgia. Tratada antes de todas as outras, em certo sentido tem prioridade sobre todas as outras por sua intrínseca dignidade e importância para a vida da Igreja e hoje promulgaremos solenemente o documento sobre a liturgia.

Nosso espírito, portanto, exulta de verdadeira alegria, pois no caminho que as coisas têm caminhado notamos o respeito a uma justa escala de valores e deveres. Deus deve ocupar o primeiro lugar; a oração a ele é nosso primeiro dever. A liturgia é a primeira fonte de comunhão divina na qual Deus compartilha sua própria vida conosco. É também a primeira escola da vida espiritual. A liturgia é o primeiro dom que devemos fazer ao povo cristão unido a nós pela fé e pelo fervor das suas orações. É também um convite primordial ao gênero humano, para que todos possam agora erguer suas vozes mudas em oração abençoada e genuína e assim experimentar esse poder indescritível e regenerador que se encontra quando se juntam a nós na proclamação dos louvores de Deus e das esperanças do coração humano por Jesus Cristo e no Espírito Santo”. [7]

31. Nesta carta não posso me alongar convosco na riqueza das várias expressões desta passagem, que recomendo à vossa própria meditação. Se a liturgia é “o ápice para o qual se dirige a atividade da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de onde brota todo o seu poder” (Sacrosanctum Concilium, 10), então podemos compreender o que está em jogo. aposta na questão litúrgica. Seria trivial ler as tensões, infelizmente presentes em torno da celebração, como uma simples divergência entre diferentes gostos em relação a uma determinada forma ritual. A problemática é principalmente eclesiológica. Não vejo como é possível dizer que se reconheça a validade do Concílio - embora me surpreenda que um católico ouse não fazê-lo - e ao mesmo tempo não aceitar a reforma litúrgica nascida da Sacrosanctum Concilium, uma documento que expressa a realidade da Liturgia intimamente ligada à visão de Igreja tão admiravelmente descrita na *Lumen gentium*. Por isso, como já expressei em minha carta a todos os bispos, senti o dever de afirmar que “Os livros litúrgicos promulgados por São Paulo VI e São João Paulo II, em conformidade com os decretos do Concílio Vaticano II, são a expressão única da *lex orandi* do Rito Romano”. (Motu Proprio *Traditionis custodes*, art. 1)

A não aceitação da reforma litúrgica, como também uma compreensão superficial dela, nos desvia da obrigação de encontrar respostas para a pergunta que volto a repetir: como podemos crescer em nossa capacidade de viver plenamente a ação litúrgica? Como continuamos a nos deixar maravilhar pelo que acontece na celebração sob nossos olhos? Precisamos de uma formação litúrgica séria e dinâmica.

32. Voltemos ao cenáculo em Jerusalém. Na manhã de Pentecostes nasce a Igreja, célula inicial da nova humanidade. Somente a comunidade de homens e mulheres – reconciliados porque perdoados, vivos porque Ele está vivo, verdadeiros porque habitados pelo Espírito da verdade – pode abrir o espaço apertado do individualismo espiritual.

33. É a comunidade de Pentecostes que sabe partir o Pão na certeza de que o Senhor está vivo, ressuscitou dos mortos, presente com a sua palavra, com os seus gestos, com a oferta do seu Corpo e do seu Sangue. A partir desse momento a

celebração tornou-se o lugar privilegiado — embora não o único — do encontro com Ele. Sabemos que só graças à graça deste encontro o ser humano se torna plenamente humano. Só a Igreja de Pentecostes pode conceber o ser humano como pessoa, aberta a uma relação plena com Deus, com a criação e com os irmãos.

34. Nisto se coloca a questão decisiva da formação litúrgica. Romano Guardini diz: “Aqui também é indicada a primeira tarefa prática: levados por essa transformação interior de nosso tempo, devemos aprender de novo a nos relacionar religiosamente como seres plenamente humanos”. [8] É isso que a Liturgia torna possível. Para isso devemos ser formados. Guardini não hesita em declarar que sem formação litúrgica “então as reformas rituais e textuais não ajudarão muito”. [9] Não pretendo tratar aqui de forma exaustiva o riquíssimo tema da formação litúrgica. Quero apenas oferecer alguns pontos de partida para reflexão. Acho que dois aspectos podem ser distinguidos: a formação para a liturgia e a formação pela liturgia. A primeira depende da segunda, que é essencial.

35. Era e é necessário encontrar os canais para uma formação que é o estudo da Liturgia. Desde o início do movimento litúrgico muito se fez neste sentido, com preciosas contribuições de estudiosos e instituições acadêmicas. No entanto, é importante agora difundir este conhecimento para além do ambiente acadêmico, de forma acessível, para que cada fiel cresça no conhecimento do sentido teológico da Liturgia. Esta é a questão decisiva e fundamenta todo tipo de entendimento e toda prática litúrgica. Também fundamenta a própria celebração, ajudando cada um a adquirir a capacidade de compreender os textos eucológicos, a dinâmica ritual e seu significado antropológico.

36. Penso no ritmo regular das nossas assembleias que se reúnem para celebrar a Eucaristia no Dia do Senhor, domingo após domingo, Páscoa após Páscoa, em momentos particulares da vida de cada pessoa e das comunidades, em todas as diferentes idades de vida. Os ministros ordenados realizam uma ação pastoral de primeira importância quando pegam pela mão os fiéis batizados para conduzi-los à repetida experiência do mistério pascal. Recordemos sempre que é a Igreja, o Corpo de Cristo, que é o sujeito celebrante e não apenas o sacerdote. O tipo de conhecimento que vem do estudo é apenas o primeiro passo para poder entrar no mistério celebrado. Obviamente, para poder conduzir os irmãos e irmãs, os ministros que presidem à assembleia devem conhecer o caminho, conhecê-lo por tê-lo estudado no mapa de seus estudos teológicos, mas também por ter frequentado a liturgia na prática real de uma experiência de fé viva, alimentada pela oração — e certamente não apenas como uma obrigação a ser cumprida. No dia da sua ordenação, cada sacerdote ouve o bispo dizer-lhe: “Compreende o que vais fazer, imita o que vais celebrar e conforma a tua vida ao mistério da Cruz do Senhor”. [10]

37. Também o plano de estudos para a liturgia nos seminários deve levar em conta a extraordinária capacidade que a própria celebração tem de oferecer uma visão orgânica e unificada de todo o conhecimento teológico. Cada disciplina de teologia, cada uma na sua perspectiva, deve mostrar a sua íntima ligação com a Liturgia à luz da qual se torna clara e realizada a unidade da formação sacerdotal (cf. Sacrosanctum Concilium, 16). Um plano litúrgico-sapiencial de estudos na formação teológica dos seminários certamente teria efeitos positivos na ação pastoral. Não há aspecto da vida eclesial que não encontre seu ápice e sua fonte na Liturgia. Mais do que o resultado de programas elaborados, uma pastoral abrangente, orgânica e integrada é consequência de colocar a Eucaristia dominical, fundamento da comunhão, no centro da vida da comunidade. A compreensão teológica da Liturgia não permite de modo algum que essas palavras sejam entendidas como reduzir tudo ao aspecto do culto. Não é autêntica uma celebração que não evangeliza, assim como não é autêntica uma proclamação que não conduz ao encontro com o Ressuscitado na celebração. E então ambos, sem o testemunho de caridade, são como soar um gongo barulhento ou um címbalo que retine. (1 Coríntios 13:1)

38. Tanto para os ministros como para todos os batizados, a formação litúrgica neste primeiro sentido não é algo que se possa adquirir de uma vez por todas. Uma vez que o dom do mistério celebrado ultrapassa a nossa capacidade de o conhecer, este esforço deve certamente acompanhar a formação permanente de todos, com a humildade dos pequeninos, a atitude que se abre ao espanto.

39. Uma última observação sobre os seminários: além de um programa de estudos, eles devem também oferecer a possibilidade de vivenciar uma celebração que não seja apenas exemplar do ponto de vista ritual, mas também autêntica e viva, que permita viver uma verdadeira comunhão com Deus, essa mesma comunhão para a qual o conhecimento teológico deve tender. Somente a ação do Espírito pode completar nosso conhecimento do mistério de Deus, pois o mistério de Deus não é uma questão de algo apreendido mentalmente, mas uma relação que toca toda a vida. Tal experiência é fundamental para que, uma vez que os seminaristas se tornem ministros ordenados, possam acompanhar as comunidades no mesmo caminho de conhecimento do mistério de Deus, que é o mistério do amor.

40. Esta última consideração nos leva a refletir sobre o segundo sentido que podemos entender na expressão “formação litúrgica”. Refiro-me à nossa formação, cada um segundo a sua vocação, a partir da participação na celebração litúrgica. Mesmo o conhecimento que advém dos estudos, dos quais acabei de falar, para não se tornar uma espécie de racionalismo, deve servir para realizar a ação formativa da própria Liturgia em cada crente em Cristo.

41. De tudo o que dissemos sobre a natureza da Liturgia, torna-se claro que o conhecimento do mistério de Cristo, a questão decisiva para nossas vidas, não consiste em uma assimilação mental de alguma ideia, mas em um verdadeiro compromisso existencial com sua pessoa. Nesse sentido, a liturgia não é sobre

“conhecimento”, e seu escopo não é primordialmente pedagógico, embora tenha grande valor pedagógico. (Cf. Sacrosanctum Concilium, n. 33) Antes, a liturgia é o louvor, a ação de graças pela Páscoa do Filho, cujo poder atinge a nossa vida. A celebração diz respeito à realidade de sermos dóceis à ação do Espírito que opera por meio dela até que Cristo seja formado em nós. (Cf. Gal 4,19) A plena extensão da nossa formação é a nossa conformação a Cristo. Repito: não tem a ver com um processo mental abstrato, mas com tornar-se Ele. Este é o propósito para o qual é dado o Espírito, cuja ação é sempre e somente confeccionar o Corpo de Cristo. É assim com o pão eucarístico, e com cada um dos batizados chamados a tornar-se cada vez mais aquilo que foi recebido como dom no Batismo; ou seja, ser um membro do Corpo de Cristo. Leão Magno escreve: “Nossa participação no Corpo e Sangue de Cristo não tem outro fim senão tornar-nos aquilo que comemos”. [11]

42. Este compromisso existencial acontece — em continuidade e consistente com o método da Encarnação — de forma sacramental. A Liturgia é feita com coisas que são exatamente o oposto das abstrações espirituais: pão, vinho, óleo, água, fragrâncias, fogo, cinzas, pedra, tecidos, cores, corpo, palavras, sons, silêncios, gestos, espaço, movimento, ação, ordem, tempo, luz. Toda a criação é uma manifestação do amor de Deus, e desde quando esse mesmo amor se manifestou em sua plenitude na cruz de Jesus, toda a criação foi atraída para ela. É toda a criação que é assumida para ser colocada a serviço do encontro com o Verbo: encarnado, crucificado, morto, ressuscitado, ascendido ao Pai. É como canta a oração sobre a água na pia batismal, mas também a oração sobre o óleo para o sagrado crisma e as palavras para a apresentação do pão e do vinho – todos frutos da terra e obra de mãos humanas.

43. A liturgia dá glória a Deus não porque podemos acrescentar algo à beleza da luz inacessível em que Deus habita (cf. 1Tm 6,16). Tampouco podemos acrescentar à perfeição do canto angélico que ressoa eternamente pelos lugares celestiais. A liturgia dá glória a Deus porque nos permite – aqui, na terra – ver Deus na celebração dos mistérios, e ao vê-lo tirar vida da sua Páscoa. Nós, que estávamos mortos por nossos pecados e fomos vivificados novamente com Cristo - nós somos a glória de Deus. Pela graça fomos salvos (Ef 2:5). Irineu, o doctor unitatis, nos lembra disso: “A glória de Deus é o homem vivo, e a vida do homem consiste em ver Deus: se a revelação de Deus através da criação já dá vida a todos os seres vivos da terra, quanto mais do que a manifestação do Pai pelo Verbo é causa de vida para aqueles que vêem a Deus”. [12]

44. Guardini escreve: “Aqui se delinea a primeira tarefa do trabalho de formação litúrgica: o homem deve tornar-se novamente capaz de símbolos”. [13] Esta é uma responsabilidade de todos, tanto dos ministros ordenados como dos fiéis. A tarefa não é fácil porque o homem moderno se tornou analfabeto, não consegue mais ler símbolos; é quase como se nem sequer se suspeitasse de sua existência. Isso acontece também com o símbolo do nosso corpo. Nosso corpo é um símbolo porque é uma união íntima de alma e corpo; é a visibilidade da alma espiritual na

ordem corpórea; e nisso consiste a singularidade humana, a especificidade da pessoa irreduzível a qualquer outra forma de ser vivo. Nossa abertura ao transcendente, a Deus, é constitutiva de nós. Não reconhecer isso nos leva inevitavelmente não apenas a não conhecer a Deus, mas também a não conhecer a nós mesmos. Basta olhar para a forma paradoxal como o corpo é tratado, ora cuidado de forma quase obsessiva, inspirado no mito da eterna juventude, ora reduzindo o corpo a uma materialidade à qual é negado toda dignidade. O fato é que não se pode dar valor ao corpo partindo apenas do próprio corpo. Todo símbolo é ao mesmo tempo poderoso e frágil. Se não for respeitado, se não for tratado pelo que é, se despedaça, perde sua força, torna-se insignificante.

Não temos mais o olhar de São Francisco, que olhou para o sol - que chamou de irmão porque assim o sentiu - e o viu belo e radiante com grande esplendor e, maravilhado, cantou que traz uma semelhança de Ti, Altíssimo. [14] Ter perdido a capacidade de apreender o valor simbólico do corpo e de cada criatura torna a linguagem simbólica da Liturgia quase inacessível à mentalidade moderna. E, no entanto, não se pode renunciar a tal linguagem. Não pode ser renunciado porque é como a Santíssima Trindade escolheu nos alcançar através da carne do Verbo. Trata-se antes de recuperar a capacidade de usar e compreender os símbolos da Liturgia. Não devemos perder a esperança porque esta dimensão em nós, como acabei de dizer, é constitutiva; e apesar dos males do materialismo e do espiritualismo - ambos negações da unidade da alma e do corpo - ela está sempre pronta para ressurgir, como toda verdade.

45. Então, a pergunta que quero fazer é como podemos nos tornar novamente capazes de símbolos? Como podemos de novo saber lê-los e poder vivê-los? Sabemos bem que a celebração dos sacramentos, pela graça de Deus, é eficaz em si mesma (*ex opere operato*), mas isso não garante o pleno engajamento das pessoas sem uma forma adequada de se colocarem em relação à linguagem da celebração. Uma “leitura” simbólica não é um conhecimento mental, nem a aquisição de conceitos, mas sim uma experiência viva.

46. Acima de tudo, devemos readquirir a confiança na criação. Quero dizer que as coisas – os sacramentos “são feitos” de coisas – vêm de Deus. A Ele se orientam, e por Ele foram assumidos, e assumidos de modo particular na Encarnação, para que se tornem instrumentos de salvação, veículos do Espírito, canais de graça. Nisto fica claro quão vasta é a distância entre esta visão e uma visão materialista ou espiritualista. Se as coisas criadas são uma parte tão fundamental e essencial da ação sacramental que traz nossa salvação, então devemos nos organizar em sua presença com um olhar renovado, não superficial, respeitoso e agradecido. Desde o início, as coisas criadas contêm a semente da graça santificante dos sacramentos.

47. Ainda pensando em como a Liturgia nos forma, outra questão decisiva é a educação necessária para poder adquirir a atitude interior que nos permitirá usar e compreender os símbolos litúrgicos. Deixe-me expressá-lo de uma forma simples.

Tenho em mente os pais, ou mais talvez os avós, mas também os nossos pastores e catequistas. Muitos de nós aprendemos com eles o poder dos gestos da liturgia, como, por exemplo, o sinal da cruz, o ajoelhar-se, as fórmulas da nossa fé. Talvez não tenhamos uma memória real de tal aprendizado, mas podemos facilmente imaginar o gesto de uma mão maior pegando a mãozinha de uma criança e acompanhando-a lentamente no traçado pelo corpo pela primeira vez o sinal de nossa salvação. As palavras acompanham o movimento, estas também ditas lentamente, quase como se quisessem tomar posse de cada instante do gesto, tomar posse de todo o corpo: “Em nome do Pai... e do Filho... e do Espírito Santo Um homem.” E então a mão da criança é deixada sozinha, e é observada repetindo tudo sozinha, com ajuda pronta por perto, se necessário. Mas esse gesto fica agora consignado, como um hábito que crescerá com Ele, dando-lhe um sentido que só o Espírito sabe fazer. A partir desse momento esse gesto, a sua força simbólica, é nosso, pertence-nos; ou melhor, pertencemos a ela. Ela nos dá forma. Somos formados por ela. Não são necessários muitos discursos aqui. Não é necessário ter entendido tudo naquele gesto. O que é preciso é ser pequeno, tanto para expedir como para receber. O resto é obra do Espírito. Assim somos iniciados na linguagem simbólica. Não podemos deixar-nos roubar tanta riqueza. Crescendo teremos mais formas de compreender, mas sempre com a condição de permanecermos pequenos.

Ars celebrandi

48. Uma forma de cuidar e crescer na compreensão vital dos símbolos da Liturgia é certamente a ars celebrandi, a arte de celebrar. Esta expressão também está sujeita a diferentes interpretações. Seu sentido fica claro se nos referirmos ao sentido teológico da Liturgia descrito na Sacrosanctum Concilium n. 7, a que já me referi várias vezes. A ars celebrandi não pode ser reduzida a apenas um mecanismo rubrical, muito menos deve ser pensada como imaginativa – às vezes selvagem – criatividade sem regras. O rito é em si uma norma, e a norma nunca é um fim em si mesma, mas está sempre a serviço de uma realidade superior que pretende proteger.

49. Como em qualquer arte, a ars celebrandi requer diferentes tipos de conhecimento. Em primeiro lugar, requer uma compreensão do dinamismo que se desenvolve através da Liturgia. A ação da celebração é o lugar em que, por meio do memorial, o mistério pascal se torna presente para que os batizados, por meio de sua participação, possam experimentá-lo em sua própria vida. Sem esta compreensão, a celebração facilmente cai numa preocupação com o exterior (mais ou menos refinada) ou numa preocupação apenas com rubricas (mais ou menos rígidas).

Então, é preciso saber como o Espírito Santo age em cada celebração. A arte de celebrar deve estar em harmonia com a ação do Espírito. Só assim estará livre dos subjetivismos que são fruto dos gostos individuais dominantes. Só assim estará livre

da invasão de elementos culturais que são assumidos sem discernimento e que nada têm a ver com uma correta compreensão da inculturação.

Finalmente, é preciso compreender a dinâmica da linguagem simbólica, sua natureza particular, sua eficácia.

50. Destas breves indicações deve ficar claro que a arte da celebração não é algo que possa ser improvisado. Como toda arte, requer aplicação consistente. Para um artesão, a técnica é suficiente. Mas para um artista, além do conhecimento técnico, também deve haver inspiração, que é uma forma positiva de posse. O verdadeiro artista não possui uma arte, mas é possuído por ela. Não se aprende a arte de celebrar frequentando um curso de oratória ou de técnicas de comunicação persuasivas. (Não estou julgando intenções, apenas observando efeitos.) Toda ferramenta pode ser útil, mas deve estar a serviço da natureza da Liturgia e da ação do Espírito Santo. É necessária uma dedicação diligente à celebração, permitindo que a própria celebração nos transmita a sua arte. Guardini escreve: “Devemos entender quão profundamente permanecemos entrincheirados no individualismo e no subjetivismo, quão desacostumados nos tornamos às demandas dos ‘grandes’ e quão pequenos são os parâmetros de nossa vida religiosa. Devemos recuperar o sentido do “grande” estilo de rezar, a vontade para o existencial também na oração. A maneira de conseguir isso, porém, é através da disciplina, abandonando o sentimentalismo fraco; através de um trabalho sério, realizado em obediência à Igreja, sobre o nosso ser e agir religiosos”. [15] Assim se aprende a arte de celebrar.

51. Falando deste tema, tendemos a pensar nele apenas em relação aos ministros ordenados que exercem o serviço de presidência. Mas, na verdade, esta é uma atitude que todos os batizados são chamados a viver. Penso em todos os gestos e palavras que pertencem à assembléia: reunir-se, andar cuidadoso em procissão, estar sentado, de pé, ajoelhar-se, cantar, ficar em silêncio, aclamações, olhar, ouvir. Há muitas maneiras pelas quais a assembléia, como um corpo, (Ne 8:1) participa da celebração. Todos juntos fazendo o mesmo gesto, todos falando juntos em uma só voz — isso transmite a cada indivíduo a energia de toda a assembléia. É uma uniformidade que não apenas não amortece, mas, ao contrário, educa os crentes individuais para descobrir a singularidade autêntica de suas personalidades não em atitudes individualistas, mas na consciência de ser um só corpo. Não se trata de seguir um livro de etiqueta litúrgica. Trata-se, antes, de uma “disciplina” — no sentido a que Guardini se referiu — que, se observada autenticamente, nos forma. São gestos e palavras que colocam ordem no nosso mundo interior fazendo-nos viver certos sentimentos, atitudes, comportamentos. Não são a explicação de um ideal que procuramos deixar-nos inspirar, mas sim uma ação que envolve o corpo em sua totalidade, ou seja, em ser uma unidade de corpo e alma.

52. Entre os atos rituais que pertencem a toda assembléia, o silêncio ocupa um lugar de absoluta importância. Muitas vezes é expressamente prescrito nas rubricas. Toda a celebração eucarística está imersa no silêncio que precede o seu início e

que marca cada momento do seu desenrolar ritual. De fato, está presente no ato penitencial, depois do convite “Rezemos”, na Liturgia da Palavra (antes das leituras, entre as leituras e depois da homilia), na oração eucarística, depois da comunhão. [16] Tal silêncio não é um refúgio interior para se esconder em algum tipo de isolamento íntimo, como se deixasse para trás a forma ritual como uma distração. Esse tipo de silêncio contrariaria a própria essência da celebração. O silêncio litúrgico é algo muito mais grandioso: é símbolo da presença e da ação do Espírito Santo que anima toda a ação da celebração. Por isso, constitui um ponto de chegada dentro de uma sequência litúrgica. Precisamente por ser símbolo do Espírito, tem o poder de expressar a ação multifacetada do Espírito. Deste modo, recapitulando os momentos que acabei de mencionar, o silêncio transforma-se na dor do pecado e no desejo de conversão. Desperta uma prontidão para ouvir a Palavra e desperta a oração. Ela nos dispõe a adorar o Corpo e Sangue de Cristo. Sugere a cada um, na intimidade da comunhão, o que o Espírito efetuará em nossas vidas para nos conformar ao Pão partido. Por tudo isso somos chamados a realizar com extremo cuidado o gesto simbólico do silêncio. Por meio dela, o Espírito nos dá forma, nos dá forma.

53. Cada gesto e cada palavra contém uma ação precisa, sempre nova, porque encontra um momento sempre novo em nossa própria vida. Vou explicar o que quero dizer com um exemplo simples. Ajoelhamo-nos para pedir perdão, dobrar o orgulho, entregar a Deus as nossas lágrimas, implorar a sua intervenção, agradecer-lhe o dom recebido. É sempre o mesmo gesto que, em essência, declara nosso próprio ser pequeno na presença de Deus. No entanto, feito em diferentes momentos de nossa vida, molda nossas profundezas internas e depois se mostra externamente em nossa relação com Deus e com nossos irmãos e irmãs. Também ajoelhar-se deve ser feito com arte, ou seja, com plena consciência do seu sentido simbólico e da necessidade que temos deste gesto para expressar o nosso modo de estar na presença do Senhor. E se tudo isso vale para este simples gesto, quanto mais valerá para a celebração da Palavra? Ah, que arte somos chamados a aprender para o anúncio da Palavra, para ouvi-la, para deixá-la inspirar nossa oração, para torná-la nossa própria vida? Tudo isso merece a máxima atenção – não formal ou meramente exterior, mas vivo e interior – para que cada gesto e cada palavra da celebração, expressa com “arte”, forme a personalidade cristã de cada indivíduo e da comunidade.

54. Se é verdade que a ars celebrandi é exigida de toda assembleia que celebra, também é verdade que os ministros ordenados devem ter uma solicitude muito particular por ela. Ao visitar as comunidades cristãs, notei que a sua forma de viver a celebração litúrgica está condicionada – para melhor ou, infelizmente, para pior – pela forma como o seu pároco preside à assembleia. Poderíamos dizer que existem diferentes “modelos” de presidência. Eis uma possível lista de abordagens que, embora opostas entre si, caracterizam um modo de presidir certamente inadequado: austeridade rígida ou uma criatividade exasperante, um misticismo espiritualizante ou um funcionalismo prático, uma vivacidade apressada ou uma lentidão exagerada,

uma um descuido desleixado ou um capricho excessivo, uma amizade superabundante ou uma impassibilidade sacerdotal. Dada a grande variedade desses exemplos, acho que a inadequação desses modelos de presidência tem uma raiz comum: um personalismo acentuado do estilo celebrativo que às vezes expressa uma mania mal disfarçada de ser o centro das atenções. Muitas vezes isso fica mais evidente quando nossas celebrações são transmitidas pelo ar ou online, algo nem sempre oportuno e que precisa de mais reflexão. Certifique-se de que me entende: estes não são os comportamentos mais difundidos, mas ainda assim, não raramente as assembleias sofrem com esse abuso.

55. Haveria muito mais a dizer sobre a importância de presidir e os cuidados que requer. Em diversas ocasiões me detive no exigente dever de pregar a homilia. [17] Limite-me aqui a várias outras considerações amplas, querendo sempre reflectir convosco sobre como somos formados pela Liturgia. Penso no ritmo regular da Missa dominical em nossas comunidades e, portanto, dirijo-me aos sacerdotes, mas implicitamente a todos os ministros ordenados.

56. O sacerdote vive sua participação característica na celebração em virtude do dom recebido no sacramento da Ordem, e isso se expressa precisamente na presidência. Como todas as funções que ele é chamado a desempenhar, este não é principalmente um dever que lhe é atribuído pela comunidade, mas sim uma consequência do derramamento do Espírito Santo recebido na ordenação que o capacita para tal tarefa. O sacerdote também é formado por ele presidir à assembléia celebrante.

57. Para que este serviço seja bem feito — aliás, com arte! — é de fundamental importância que o sacerdote tenha a consciência viva de ser, pela misericórdia de Deus, uma presença particular do Senhor ressuscitado. O ministro ordenado é ele próprio um dos tipos de presença do Senhor que torna a assembleia cristã única, diferente de qualquer outra assembleia. (cf. Sacrosanctum Concilium, n. 7) Este fato confere peso “sacramental” (em sentido amplo) a todos os gestos e palavras de quem preside. A assembléia tem o direito de poder sentir naqueles gestos e palavras o desejo que o Senhor tem, hoje como na Última Ceia, de comer a Páscoa conosco. Então, o Senhor ressuscitado está no papel principal, e não nossas próprias imaturidades, assumindo papéis e comportamentos que simplesmente não são apropriados. O próprio sacerdote deve ser dominado por este desejo de comunhão que o Senhor tem para com cada pessoa. É como se estivesse colocado no meio entre o coração ardente de amor de Jesus e o coração de cada um dos fiéis, que é o objeto do amor do Senhor. Presidir à Eucaristia é mergulhar na fornalha do amor de Deus. Quando nos for dado compreender esta realidade, ou mesmo apenas intuir algo dela, certamente já não precisaríamos de um Diretório que imponha o devido comportamento. Se temos necessidade disso, então é por causa da dureza de nossos corações. A norma mais alta e, portanto, a mais exigente é a própria realidade da celebração eucarística, que seleciona palavras, gestos, sentimentos que nos farão entender se o uso deles está ou não no nível da

realidade a que servem. É óbvio que isso não pode ser improvisado. É uma arte. Exige aplicação por parte do sacerdote, cuidado assíduo do fogo do amor do Senhor que ele veio acender na terra. (Lc 12:49)

58. Quando a primeira comunidade partiu o pão, obedecendo ao mandamento do Senhor, fê-lo sob o olhar de Maria que acompanhou os primeiros passos da Igreja: «todos estes continuaram unânimes em oração com as mulheres e Maria, mãe de Jesus .» (At 1,14) A Virgem Mãe “guarda” os gestos de seu Filho confiados aos Apóstolos. Assim como ela protegeu o Verbo feito carne em seu seio depois de receber as palavras do anjo Gabriel, ela protege mais uma vez no seio da Igreja aqueles gestos que formam o corpo de seu Filho. O sacerdote, que repete esses gestos em virtude do dom recebido no sacramento da Ordem, é ele próprio protegido no seio da Virgem. Nós realmente precisamos de uma regra aqui para nos dizer como devemos agir?

59. Tornados instrumentos para acender o fogo do amor do Senhor na terra, protegidos no seio de Maria, Virgem feita Igreja (como cantou São Francisco sobre ela) os sacerdotes devem permitir que o Espírito Santo aja sobre eles, para completar o trabalho que ele começou neles em sua ordenação. A ação do Espírito oferece-lhes a possibilidade de exercer o seu ministério de presidir à assembleia eucarística com o temor de Pedro, consciente de ser pecador (Lc 5,1-11), com a poderosa humildade do servo sofredor (cf. 42ss), com o desejo de “ser comido” pelas pessoas que lhes são confiadas no exercício quotidiano do ministério.

60. É a própria celebração que educa o sacerdote a este nível e qualidade de presidir. Não é, repito, uma adesão mental, mesmo que toda a nossa mente, bem como toda a nossa sensibilidade, devam estar engajadas nela. Assim, o sacerdote se forma presidindo as palavras e os gestos que a Liturgia coloca em seus lábios e em suas mãos. Ele não está sentado em um trono [18] porque o Senhor reina com a humildade de quem serve. Ele não tira a atenção da centralidade do altar, sinal de Cristo, de cujo lado trespassado brotou sangue e água, pelos quais foram estabelecidos os Sacramentos da Igreja e o centro de nosso louvor e ação de graças. [19]

Aproximando-se do altar para a oferta, o sacerdote é educado em humildade e contrição com as palavras: “Com espírito humilde e coração contrito sejamos aceitos por ti, ó Senhor, e que nosso sacrifício diante de ti hoje seja agradável a ti, Senhor Deus.” [20] Ele não pode confiar em si mesmo para o ministério que lhe foi confiado, porque a liturgia o convida a rezar para ser purificado pelo sinal da água, quando diz: “Lava-me, ó Senhor, da minha iniquidade e purifica-me do meu pecado .” [21]

As palavras que a Liturgia coloca em seus lábios têm conteúdos diversos que requerem tonalidades específicas. Uma verdadeira ars dicendi é exigida do sacerdote pela importância de tais palavras. Estes dão forma e forma aos seus sentimentos interiores, ora por súplica ao Pai em nome da assembleia, ora por uma

exortação dirigida à assembleia, ora por aclamação a uma só voz com toda a assembleia.

Na oração eucarística — da qual também participam todos os batizados, ouvindo com reverência e em silêncio e intervindo nas aclamações [22] (IGMR 78-79) — quem preside tem a força, em nome de todo o povo santo, para recordar diante do Pai a oferta de seu Filho na Última Ceia, para que aquele imenso dom se tornasse novamente presente no altar. Nessa oferta ele participa com a oferta de si mesmo. O sacerdote não pode contar a Última Ceia ao Pai sem se tornar participante dela. Ele não pode dizer: “Tomai todos e comei, pois este é o meu Corpo que será entregue por vocês”, e não viver o mesmo desejo de oferecer seu próprio corpo, sua própria vida, pelas pessoas confiadas para ele. É o que acontece no exercício do seu ministério.

De tudo isso e de muitas outras coisas, o sacerdote é continuamente formado pela ação da celebração.

* * *

61. Nesta carta quis simplesmente partilhar algumas reflexões que certamente não esgotam o imenso tesouro da celebração dos santos mistérios. Peço a todos os bispos, sacerdotes e diáconos, aos formadores dos seminários, aos instrutores das faculdades teológicas e escolas de teologia, e a todos os catequistas que ajudem o santo povo de Deus a tirar daquilo que é a primeira fonte da espiritualidade cristã. Somos chamados continuamente a redescobrir a riqueza dos princípios gerais expostos nos primeiros números da Sacrosanctum Concilium, captando o vínculo íntimo entre esta primeira das constituições conciliares e todas as outras. Por isso não podemos voltar àquela forma ritual que os padres conciliares, cum Petro et sub Petro, sentiram a necessidade de reformar, aprovando, sob a orientação do Espírito Santo e seguindo sua consciência de pastores, os princípios dos quais nasceram a reforma. Os santos pontífices São Paulo VI e São João Paulo II, aprovando os livros litúrgicos reformados ex decreto Sacrosancti Œcumenici Concilii Vaticani II, garantiram a fidelidade da reforma do Concílio. Por isso escrevi Traditionis custodes, para que a Igreja levante, na variedade de tantas línguas, uma única e mesma oração capaz de exprimir a sua unidade. [23]

Como já escrevi, pretendo que esta unidade seja restabelecida em toda a Igreja de Rito Romano.

62. Gostaria que esta carta nos ajudasse a reavivar nossa admiração pela beleza da verdade da celebração cristã, a nos lembrar da necessidade de uma autêntica formação litúrgica e a reconhecer a importância de uma arte de celebrar que está em o serviço da verdade do mistério pascal e da participação de todos os batizados nele, cada um segundo a sua vocação.

Toda essa riqueza não está longe de nós. Está em nossas igrejas, em nossas festas cristãs, na centralidade do Dia do Senhor, no poder dos sacramentos que celebramos. A vida cristã é uma jornada contínua de crescimento. Somos chamados a deixar-nos formar na alegria e na comunhão.

63. Para isso, desejo deixar-lhes mais uma indicação para seguir em nosso caminho. Convido-vos a redescobrir o sentido do ano litúrgico e do Dia do Senhor. Ambos também nos foram deixados pelo Conselho. (Cf. Sacrosanctum Concilium, nn. 102-111)

64. À luz de tudo o que dissemos acima, vemos que o ano litúrgico é para nós a possibilidade de crescer no conhecimento do mistério de Cristo, mergulhando a nossa vida no mistério da sua morte e ressurreição, aguardando o seu regresso na glória. Esta é uma verdadeira formação permanente. Nossa vida não é uma série caótica de eventos aleatórios, um após o outro. É antes um itinerário preciso que, de uma celebração anual da Sua Morte e Ressurreição à outra, nos conforma a Ele, enquanto aguardamos a bem-aventurada esperança e a vinda de nosso Salvador, Jesus Cristo. [24]

65. À medida que avança o tempo renovado pelo mistério da sua morte e ressurreição, a cada oitavo dia a Igreja celebra no dia do Senhor o acontecimento da nossa salvação. O domingo, antes de ser um preceito, é um dom que Deus faz ao seu povo; e por isso a Igreja o protege com um preceito. A celebração dominical oferece à comunidade cristã a possibilidade de ser formada pela Eucaristia. De domingo a domingo, a palavra do Ressuscitado ilumina a nossa existência, querendo realizar em nós o fim para o qual foi enviada. (Cf. Is 55,10-11) De domingo a domingo a comunhão no Corpo e Sangue de Cristo quer fazer também da nossa vida um sacrifício agradável ao Pai, na comunhão fraterna da partilha, da hospitalidade, do serviço. De domingo a domingo a energia do Pão partido nos sustenta no anúncio do Evangelho no qual se manifesta a autenticidade da nossa celebração.

Abandonemos nossas polêmicas para ouvirmos juntos o que o Espírito diz à Igreja. Cuidemos da nossa comunhão. Continuemos a nos maravilhar com a beleza da Liturgia. O mistério pascal nos foi dado. Deixemo-nos envolver pelo desejo que o Senhor continua a ter de comer a sua Páscoa connosco. Tudo isso sob o olhar de Maria, Mãe da Igreja.

Dado em Roma, em São João de Latrão, no dia 29 de junho, Solenidade dos Santos Pedro e Paulo, Apóstolos, no ano de 2022, décimo do meu Pontificado.

FRANCISCO

Que todos fiquem com medo, que o mundo inteiro estremeça, e que os céus exultem

quando Cristo, o Filho do Deus vivo, estiver presente no altar nas mãos de um padre!

Ó maravilhosa altivez e estupenda dignidade!

Ó sublime humildade! Ó humilde sublimidade!

O Senhor do universo, Deus e o Filho de Deus, se humilha tanto que para nossa salvação

Ele se esconde sob um pedaço de pão comum!

Irmãos, vejam a humildade de Deus,

e derramem seus corações diante Dele!

Humilhai-vos para que sejais exaltados por Ele!

Não retenha nada de si mesmo para si mesmo,

que Aquele que se dá totalmente a você possa recebê-lo totalmente!

São Francisco de Assis

Uma carta para toda a Ordem II, 26-29